

Silêncio e errância no romance *Solidão Continental*, de João Gilberto Noll

Marcela Ferreira da Silva¹

RESUMO: Este trabalho propõe a análise do romance *Solidão Continental* (2012), de João Gilberto Noll, a partir das intersecções da literatura e da identidade do sujeito gay. Tomando como fundamentação teórica os estudos de Eribon (2008), Certeau (2014), Paz (2014) e Sedgwick (2007), pretende-se discutir de que modo esse romance explora temas referentes ao desejo homoerótico do sujeito, inserido numa sociedade heteronormativa, na qual operam dispositivos de controle, silenciamento e ajustamento, como o armário e a injúria.

Palavras-chave: Subjetividade gay. Heteronormatividade. Elaboração estética.

ABSTRACT: This work proposes the analysis of the novel *Solidão Continental* (2012), by João Gilberto Noll, from the intersections of literature and the identity of the gay subject. Based on the theoretical basis of the studies by Eribon (2008), Certeau (2014), Paz (2014) and Sedgwick (2007), we intend to discuss how this novel explores themes related to the homoerotic desire of the subject, inserted in a heteronormative society, in which control, silencing and adjustment devices, such as closet and injury, operate.

Key-words: Gay Subjectivity. Heteronormativity. Aesthetic elaboration.

Considerações iniciais

E eu me ressentia por não ter como provocar meu futuro por livre escolha. Entre um e outro eu era reticências, desse impasse era feito o meu presente. (NOLL, 2012, p. 63).

A presença de João Gilberto Noll na cena literária contemporânea se constitui como uma das mais relevantes para compreender os múltiplos caminhos e aspectos que compõem o panorama da ficção nas últimas décadas do século XX e início do XXI. Com o romance de estreia *O cego e a dançarina* (1980), o autor insere-se em um período intersticial, momento

¹ Doutoranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Orientador Professor Dr. Flávio Pereira Camargo.

em que se observa o dismantelamento das forças ditatoriais, que exerciam sobre a literatura crivos e pressões, e uma gradual abertura política, em que as gavetas abertas, para usar o termo de Tânia Pellegrini (1996), mostraram os traumas, os testemunhos, o retrato da violência e as memórias daqueles que sobreviveram à repressão política dos anos anteriores.

Na análise de Rejane Cristina Rocha (2011), a década de 1980 foi interpretada pela crítica corrente como uma década de “desideologização” (MORICONI, 2002) e de “carência de projetos” (SÜSSEKIND, 2003). No entanto, posições críticas apressadas e apocalípticas, como as citadas, confrontam-se com perspectivas que não tomam a prosa do período como epílogo do que melhor se produziu antes. Embora inserida em um contexto histórico marcado pelas frustrações ideológicas e pela consolidação de um capitalismo cada vez mais perverso, a literatura produzida a partir da década de 1980 consegue sobreviver e oferecer “novos desafios em termos de representação” (ROCHA, 2011, p. 48-49).

Com uma vasta produção literária desde sua estreia em 1980, muitos são os aspectos explorados pela narrativa de João Gilberto Noll, que o circunscrevem no rol da produção literária contemporânea de maior significação. Dentre esses aspectos, seu projeto literário pode ser interpretado a partir da temática do homoerotismo. Nos romances nollianos, essa temática é transformada em fatura estética, por meio da exploração dos signos da instabilidade (física e subjetiva) e da supressão (identidade marcada pela resistência à intimidade e pela desassubjetivação) no nível do discurso. Seguindo a mesma linha de *Lorde* (2004) e *Harmada* (1993), *Solidão Continental* (2012) também transforma a temática do desejo homoerótico em projeto estético, ao traduzir o conflito de uma identidade gay numa sociedade, cujo projeto político é a cultura do armário (SEDGWICK, 2007) e da injúria (ERIBON, 2008).

Solidão Continental, último romance de João Gilberto Noll, publicado em 2012, explora os signos da instabilidade a partir das tópicas da errância e da solidão, explicitados já no título. João Bastos, o narrador-protagonista do romance, é um solitário crônico que tenta reconstituir sua identidade unindo escrita e errância. Ao longo do romance, ambas as tarefas vão se tornando rarefeitas pela deteriorização do corpo e da memória, deixando relato e trajeto confusos, incertos, assim como a identidade da personagem e os diferentes relacionamentos que ela empreende, ou melhor, tenta empreender no decorrer da narrativa.

Errância e solidão são duas tópicas caras à tradição da literatura ocidental, estando presente na *Odisséia*, de Homero (1978), um dos textos fundadores dessa tradição. Nesse sentido, dois questionamentos dão sustentação à presente discussão: a) o que há de novo no tema da viagem/errância em *Solidão Continental*, que nos faz refletir sobre os sentidos da solidão e da experiência do sujeito contemporâneo?; e b) de que maneira a representação de João Bastos nos permite pensar a respeito da subjetividade gay nessa sociedade heteronormativa?

Para responder a esses questionamentos, propomos dois subitens: o primeiro tece uma comparação entre alguns aspectos das viagens de Ulisses de retorno à Ítaca e das viagens de João Bastos no continente americano, observando que questionar o lugar impõe uma indagação também a respeito da identidade do sujeito, marcado pelas nuances da contemporaneidade; o segundo tópico discute particularidades da narrativa de *Solidão Continental*, tendo em vista o tratamento literário dado às questões referentes à identidade gay e como elas interferem na apropriação do espaço.

1. A solidão como uma experiência humana de apropriação do espaço

Há uma estreita ligação entre solidão e espaço na obra em tela. No trecho que segue, tem-se um emblemático exemplo dessa relação. Ulisses, estrangeiro na ilha de Calipso, argumenta com a ninfa e esclarece porque almeja retornar à Ítaca:

Deusa potente, não queira com isso agastar-te, que eu sei/ perfeitamente que a minha querida e prudente Penélope/ é de menor aparências e feições menos belas que as tuas. / Ela é uma simples mortal; tu, eterna e de eterno frescor. / Mas, apesar de tudo isso, consumo-me todos os dias/ para que à pátria retorne e reveja o meu dia de volta. (HOMERO, 1978, versos 215-220).

Solidão é um sentimento, segundo Paz (2014, p. 189), de estar apartado do outro, é a consciência de estar sem espaço, de sentir-se sozinho: “isolado do mundo e alheio a si mesmo”. Para além da mera ocupação de um espaço físico-geográfico, o sentimento de solidão é o oposto do sentimento de pertença que é “a concórdia com o mundo” e está relacionado à sociabilidade que o lugar erige, às regras de convivência e às particularidades retóricas e repertoriadas que aí se fundam e estão em vigor.

Na *Odisseia*, o tema da solidão se funde com o tema da viagem, materializados no desejo de Ulisses em retornar à Ítaca, sua terra natal, a pátria retórica, e reencontrar Penélope,

o filho, o pai, o cachorro Argos e os súditos. Outra passagem significativa da narrativa é o momento em que a ninfa Calipso é orientada por Hermes a ajudar Ulisses a voltar para casa, a deusa sabe muito bem onde o encontrar: no rochedo à beira mar, olhando o horizonte. Ulisses tinha saudade de casa. Mesmo na companhia da bela ninfa, sofria dos “males da ausência”.

O espaço que suscita no sujeito a solidão é esse espaço alheio, alhures, em que o eu não sente pertencer, não compartilha da retórica e também não sente suprir aquelas carências próprias do estar ou sentir-se sozinho. De acordo com a perspectiva psicanalítica de Melainie Klein (1971, p.137), “a solidão pode originar-se da convicção de que não há pessoa ou grupo a que se pertença. Pode-se considerar esse não pertencer, como apresentando um significado bem mais profundo”. Em outro trecho de seu estudo, ela complementa que o sentimento de solidão não se refere ao fato de que alguém esteja ou não na companhia de outra pessoa, refere-se, antes, a um sentimento íntimo de integração e de pertencimento do eu. A viagem, a errância e o exílio vão materializar esses espaços que suscitam a solidão, já que o eu se vê alijado dessa integração, tanto espacial quanto retoricamente.

Em *Solidão Continental*, a narrativa gira em torno dessa personagem que transita por diferentes cidades do continente americano: Chicago, Miami, Madison, Cidade do México e Porto Alegre, sua terra natal. A personagem viaja para encontrar um sentido para sua existência, que ela própria denomina como “plenitude vazia”, mas que não se constitui como uma empreita bem sucedida. Trata-se um professor de línguas e escritor que se desloca no espaço físico-geográfico, tentando reconstituir sua identidade. Em certa altura do romance de Noll, João faz a seguinte reflexão, que diz muito sobre o sujeito contemporâneo e sua relação com o outro e consigo mesmo: “Não só eu, mas as pessoas em geral estavam morrendo de solidão. E pouco adiantava se formassem um casal” (NOLL, 2012, p. 52).

No caso da *Odisseia*, Ulisses não carece de espaço, ele sabe por que viaja, para onde viaja e sabe com nitidez os sentidos de voltar para Ítaca. Da mesma forma que Ulisses é consciente sobre onde situa seu lugar no mundo, ele não se questiona sobre quem é, sobre de onde vem e para onde deseja ir. Ele tem consciência de si, do outro que lhe falta e lhe preenche. Por onde o herói fosse, carregava consigo a imagem do lar, não faz parte do seu repertório de representação identitária esse questionamento de ser e estar no mundo, tão caro ao moderno. Nem a feiticeira Circe, nem a deusa Calipso, nem os comedores de lótus,

tampouco, as adversidades da viagem de retorno ao lar, empreendidas por Netuno, retiram do viajante o desejo de rever a pátria retórica.

A solidão é um sentimento antigo, mas tem assumido características peculiares na modernidade tardia, cuja configuração pode ser resumida nos três questionamentos que se seguem: a) como encontrar esse outro que “preencha o vazio”, que nos complete na cidade grande, onde a movimentação frenética impede o encontro e a intimidade?; b) como encontrar esse outro em tempos de modernidade líquida (BAUMAN, 2004), em que nada é feito para durar?; e c) como encontrar esse outro numa sociedade que renega formas de amor que não se enquadram na concepção heterossexual compulsória?

Tomando Ulisses como parâmetro para compreender esse sujeito contemporâneo, é possível observar que ele não sabe por que viaja, nem para onde viaja. Esse deslocamento espacial promove também um deslocamento subjetivo, em que o eu questiona sua própria identidade. Ulisses resente desses questionamentos identitários. O homem contemporâneo transita pela cidade moderna, palco dessas andanças e deambulações esvaziadas de sentido, para entender quem é, para encontrar-se e encontrar o outro. A falência da retórica da viagem é evidenciada pela ausência de ponto de partida e chegada, cabendo aqui a metáfora da deriva ou do nomadismo para compreender os sentidos da solidão na narrativa contemporânea.

João Bastos representa esse sujeito contemporâneo, “órfão de Eros” (BAUMAN, 2004). Ao longo de todo o romance, a personagem, enquanto transita pelo continente, tenta estabelecer várias relações afetivas e sexuais com homens e mulheres. No primeiro capítulo, João se encontra com Bill Steves em Chicago e tenta reconstituir uma experiência afetiva-sexual mal vivida há vinte e oito anos, interrompida pelo casamento com Elvira. No entanto, nada acontece entre ambos, porque parece ser impossível reconstituir esse afeto no presente, da mesma forma que não se realizou no passado; no segundo capítulo, o encontro ocorre em Madison com um aluno de João, chamado Tom, um militar mórmon, mas a relação não se concretiza por falta de enfrentamento dos dois; no terceiro capítulo, João se encontra com uma garota chamada Mira na Cidade do México, no museu de Trotsky, têm uma relação sexual, mas, por razões diversas, sem nenhum afeto; no quinto capítulo, há duas experiências: uma estritamente sexual entre João e um casal, Roberto e Amanda, e a segunda experiência acena para uma vida afetiva com Frederico (essa relação vai tomar a maior parte do livro); e

no último capítulo, João chega em casa sozinho depois de uma longa jornada, afetiva e sexual, e, quando o leitor pensa que é o fim definitivo de suas perambulações, ele encontra Daiane em sua casa e inicia com ela outra relação, que fica em aberto e não se sabe se vai ser efêmera, assim como as outras. Essa observação panorâmica dos encontros de João ao longo do romance se justifica a fim de tentar compreender a significância que a errância (deslocamento pelo continente para encontrar o outro) e a solidão (subjetividade suprimida, resistente à intimidade) apresenta no texto de Noll.

Os relacionamentos do narrador-personagem com Bill Stevens, com Tom e com Frederico, que são os mais desejados por João, como se observará no decorrer da discussão, exigiriam dele um enfrentamento dessa sociedade heteronormativa e que o narrador-personagem não é capaz de fazer. Vê-se que ele se abstém do desejo homoerótico ao se casar com Elvira. João é um sujeito sem autonomia para lidar com seus desejos, nunca se entrega, totalmente, ao outro e não consegue refletir sobre a experiência vivida, um anódino que é incapaz de subjetivar as experiências, ao mesmo tempo em que sofre, terrivelmente, pela ausência do outro.

Essa anodinia é construída na própria linguagem. Geralmente, uma ficção em primeira pessoa tem o caráter da reflexão e da avaliação sobre o vivido e a narrativa, assim como em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (1994), ou em *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa (2001), apresenta um olhar ulterior da voz que enuncia, servindo para compreender o passado. Em Noll, essa avaliação subjetivada do vivido parece não deixar marcas no sujeito. O episódio do primeiro capítulo não é mais retomado na narrativa: João não tem uma vida plena durante vinte e oito anos porque opta por um casamento heterossexual. O que essa experiência lhe ensina para tomar atitudes diferentes ao se relacionar com Frederico, por exemplo, ou com Tom, ou com Daiane? Ressalta-se também o fato de que ele é um narrador que passa da maturidade para a velhice.

Diferente do narrador cunhado por Walter Benjamin (1994), João Bastos não tem um ensinamento para transmitir, mesmo na velhice, não foi capaz de subjetivar a experiência e aprender alguma sabedoria. Não há redenção no mundo criado por Noll, da experiência de João Bastos não é possível apreender “nem epifania nem alumbramento” (ROCHA, 2011, p. 52). Diferente de Ulisses na terra dos feácios ou quando retorna à Itaca, um narrador *aedo*

canta seus grandes feitos e tem uma sabedoria alcançada pela experiência da viagem, João não aprende nem tem uma experiência grandiosa para contar.

Ao analisar a obra de Noll, Ítalo Moriconi (1987, p. 22) delinea um homem-ilha para interpretar os sujeitos aí representados. Trata-se de seres marcados pela “fragilidade dos referencias comunitários e a ausência de laços orgânicos”. Para o crítico, esse homem-ilha é resultante de um momento de mudanças de paradigmas na concepção do individualismo moderno, não visto mais em seu sentido heroico, mas entendido como “contingência de insulamento”, esmaecimento dos vestígios de humanidade e de sociabilidade. Os laços interpessoais em Noll são constituídos a partir de dois vetores: “pura construção fantasmática” e “impossibilidade de aproximação” (MORICONI, 1987, p. 24), resultando em um distanciamento entre o ponto de vista do narrador e o mundo, bem como entre ele e as figuras que seu discurso tematiza.

Em *Solidão Continental*, esse distanciamento pode ser compreendido no relato em que narra a aventura amorosa com Frederico. A imagem criada de Frederico é uma imagem rarefeita, sem contornos nítidos. Não sabemos bem quem ele é e o que ele deseja, tampouco temos certeza de que não se trata de uma criação “fantasmática” da personagem escritora. Essa imagem insólita de Frederico é construída como se fosse um *flash* cinematográfico por uma subjetividade fluida, incapaz de formular uma visão sólida de si e do mundo que, na tessitura do texto ficcional, materializa-se por meio da justaposição dos episódios e do embaralhamento temporal.

Ao final da leitura do romance, o leitor não tem como delinear com nitidez nem personagens nem enredo. Para criar esse efeito que Moriconi (1987) denominou “visão fantasmática”, o relato é construído por meio da subjetividade do narrador personagem, cuja memória vai, paulatinamente, dando azo de esfacelamento, acentuando a partir da metade do romance pela violência física sofrida, pela perda de Frederico, pelo uso de medicamentos, de modo que “essa visagem fantasmática permite uma objetivação do mundo interior da personagem” (MORICONI, 1987, p. 24).

Na metrópole, os vínculos afetivos com os espaços são diluídos: não sabemos quem são nossos vizinhos, não vivemos sempre no mesmo bairro ou casa, a paisagem da cidade também é mutante, enfim, a cidade moderna é uma Babel de múltiplos e mutáveis

significados. Dessa multiplicidade surge o desencontro. Segundo Didier Eribon (2008, p. 34), “a cidade é um mundo de estranhos”. Nela, as regras de sociabilidade são baseadas no duplo desenraizamento: espacial, reiterado pelos deslocamentos no espaço físico da cidade; e retórico, reiterado na circulação dos sentidos, na dificuldade de construir vínculos afetivos, culturais e sociais, bem como compartilhar as regras de sociabilidade que o lugar engendra. Num mundo de estranhos, a *chama* quase que se apaga, em contraste com o *crystal* que sugere ancestralidade, durabilidade da cidade de concreto, para usarmos os termos de Ítalo Calvino (1990), em *As Cidades Invisíveis*.

Quando João volta dos Estados Unidos, no quinto capítulo do romance, o narrador explicita essa ausência de vínculos no contexto da metrópole. Ele está em Porto Alegre e, na véspera, tem uma aventura erótica a três com o casal, Roberto, o carpinteiro que faz um trabalho em sua casa e esquece aí uma aliança, e sua esposa Amanda. Sem saber muito bem o que ocorreu na noite anterior, regada a bebidas alcoólicas, João abandona a casa do casal sorrateiramente, usando apenas um roupão que ele encontra por acaso. Enquanto ele caminha de volta para seu apartamento, reflete sobre essa sociedade e deixa entrever o modo como se relaciona com ela:

Acordei entre os dois. Levanto-me pé ante pé. Procuro minha roupa pela casa toda. [...] Pego o robe do carpinteiro sobre uma cadeira da cozinha e o visto. [...] Saio com ele pelas ruas do meu bairro. Estou cagando para o que algum vizinho possa achar de eu andar pela rua de roupão. Não cumprimento mesmo meus vizinhos, salvo figuras como o carpinteiro e sua mulher, pessoas com quem mantenho relações de fundo utilitário e que dão funcionamento a meu dia a dia. [...] É triste viver entre os asseclas dos costumes. A vontade que tenho é a de abrir o roupão e mostrar meu corpo que à noite conheceu prazeres que eu não pude reter na memória em razão da saturação alcoólica. Ou foram contatos insípidos ou quem sabe flageladores? Não sei o que fiz na cama com os dois. Se deixei que o carpinteiro me enrabasse enquanto sua mulher lambia meu pescoço e as costas dele alternadamente. Se penetrei a mulher do carpinteiro a ponto de perder a sensibilidade do membro envolto que estaria pela mesma lacuna que me consome particularmente nas tardes de solidão na cama, onde rolo no entanto a mente em bolhas – embora sim, sim, com a vibração do pau já diminuída pela idade. Se esqueci de sentir prazer também na realidade não sei, agora sei que gozei com tal brutalidade que foi um soco na minha inconsciência e que acordei, pedi alívio ao carpinteiro que então me deu um beijo na minha boca aberta e quase sempre furibunda e que acordei de novo já em outro entendimento, para dormir mais uma vez, tristonho (NOLL, 2014, p. 55-56).

O excerto é longo, mas é interessante para se pensar alguns aspectos que serão constantes no romance. A primeira questão que se coloca é a ausência de vínculos afetivos dessa relação com o casal. João, ao sair sorrateiramente sem ser percebido, redonda essa ausência de cumplicidade e de responsabilidade pelos atos e afetos. A experiência sexual não

aplaca a solidão e, mais uma vez, ele volta para casa, sozinho e solitário, como ele mesmo afirma no fim da citação: “para dormir mais uma vez, tristonho”. O segundo aspecto que chama a atenção é que esse envolvimento furtivo com o casal acontece porque ele encontra uma aliança de casamento dentro de uma gaveta que o carpinteiro esqueceu outrora.

Na sociedade ocidental, o casamento é o símbolo do fim da solidão, é o encontro com o outro em definitivo. Na ideologia cristã, que é hegemônica no mundo ocidental, de acordo com Paz (2014), o casamento representa a integração plena de um no outro, sendo uma só carne (corpo, desejo físico) e um só espírito (retórica), assim como a divindade e os homens.

No contexto da narrativa de Noll, a transgressão de não adestrar-se de acordo com a regra do casamento heterossexual é punida com o insulamento do sujeito. O narrador se isola, percebe-se diferente dos “asseclas dos costumes”, buscando, na clandestinidade dos afetos, uma forma de encontrar o outro. No entanto, esse encontro é fantasmático e nunca vivenciado de forma plena. O narrador não consegue interiorizar as experiências vividas, elas estão limitadas ao corpo e, nunca, ultrapassa essa barreira física, resultando nessa subjetividade rasurada, à deriva, solitária, triste, frustrada porque não consegue pertencer nem aos espaços nem encontrar-se com o outro e estabelecer com ele essa integração. Dessa incapacidade de subjetivar o vivido, surge um eu anódino, sem autonomia e errante, já que os constantes deslocamentos servem como fuga dessa sociedade autoritária e suas diferentes formas de pedagogização dos corpos e dos desejos. Na materialidade do texto,

a narrativa em primeira pessoa, seus personagens-narradores apreendem o mundo desde uma perspectiva dessubjetivante, em que a realidade, se é experimentada, não se transforma em experiência, já que não é elaborada subjetivamente. O que se experimenta, então, permanece no domínio do corpo e, mesmo as sensações que atingem esse corpo, via tato ou visão, não ultrapassam o limite físico (ROCHA, 2011, p. 51).

Além disso, há uma supressão da memória de todas as experiências sexuais do narrador personagem. Ao sair da casa de Roberto e Amanda, João Bastos não se lembra do ato sexual em si. A supressão da subjetividade, porque incapaz de transformar o experimentado em experiência subjetiva, é reiterada na narrativa por meio dessa memória cambiante, que sempre se evade dos momentos de entrega. Segundo Paz (2014, p. 191), o ato sexual é o momento mais significativo de integração do ser com o outro, de superação da

solidão: “Criação e destruição se fundem no ato amoroso; e durante uma fração de segundo o homem vislumbra um estado mais perfeito”.

Com exceção do evento com Mira, no segundo capítulo, em que o narrador enuncia explicitamente o ato sexual, os outros atos sexuais são suprimidos do discurso ou por causa do efeito de álcool e de medicamentos ou da depressão, que cada vez mais vai se acentuando. Nesse evento com Mira, o sexo é usado com o intuito da dominação, de demonstrar uma virilidade performática, a fim de negar-se enquanto sujeito gay e contrapor-se aos outros velhos que permanecem no recinto.

Em outros encontros de João também, com Bill, Tom, Frederico, o casal Amanda e Roberto ou Daiane, a enunciação do ato sexual é suprimida, quando ocorrem referências a ele é como se fosse um relato fantasmático, mais no modo imaginativo que indicativo. Uma subjetividade alijada da experiência ultrapassa o tema e se configura como estrutura por meio da narrativa em primeira pessoa que não consegue subjetivar aquilo que vive. Logo, abre-se um espaço produtor para fazer a personagem escritora operar, ela preenche as lacunas com suposições, imagens e relatos fantasmáticos, espectrais não do que ocorreu, mas do que poderia ocorrer. Ao usar os verbos no modo subjuntivo ou no futuro do pretérito, constrói-se essa supressão da subjetividade, essa fantasmagoria das relações que o narrador-personagem transplanta para o nível do discurso. Essa estratégia narrativa vai, paulatinamente, acentuando-se, assim como a solidão vai se tornando insuportável, quanto mais o romance se desenvolve.

A viagem do primeiro capítulo é uma resistência aos sobressaltos mentais que a ausência do outro provoca. Essa tentativa de encontrar o outro que o complete é frustrada devido ao corpo decrépito de Bill, diante do qual João se vira para o outro lado da cama e dorme. A fuga ocorre por meio do sono e da viagem.

A narrativa em primeira pessoa, característica marcante da prosa nolliana, marca, nesse romance, uma escrita de si, em que a subjetividade fluida é a mola propulsora da narrativa. Dessa forma, assim como as viagens de João Bastos não servem para que ele encontre um lugar para si, nem o outro que o compreenda e o satisfaça, o que resta dessas viagens é o desamparo, a dor, o sentimento de solidão e de não pertencimento dessa

identidade à deriva. Essa condição de solitário e errante vai ser traduzida na sua inadequação de sujeito gay nessa sociedade heteronormativa.

2. Rastros e rasuras: os percalços de uma subjetividade fraturada

No primeiro capítulo do romance, um homem sem nome caminha por Chicago, tentando unir espaço e identidade. Exterior e interior se contrastam. Do lado de fora está a cidade de pedra, resistente e, de dentro, a subjetividade da personagem que se mostra rarefeita, à deriva, assim como o trajeto que empreende.

Ventava na Randolph Street e eu me perguntava até onde iria a vaga disposição de procurar. Uma lembrança rondava pelas minhas têmporas. Esperando o sinal abrir para pedestres, esfreguei-as disfarçadamente. E já nem percebia com alguma transparência o motivo de eu estar em Chicago. Aproveitei a súbita confusão mental e me senti liberto dos meus eventuais afazeres. Quais seriam?, me indaguei e continuei andar. Duvidava serenamente de que a partir dali fizesse alguma diferença a razão da minha estada naquela cidade ventosa e gelada. Lancei o desafio se não seria melhor parar e ir beber entre estranhos. O meu prazer mais dileto. Beber assim poderia me dar a chance de um naufrago desconhecido vir me abraçar e eu milagrosamente não soçobrar a esse abraço e chegar com ele até a praia para me despedir com altivez, para nunca mais. No ato de beber no meu círculo ninguém pedia socorro, eu não podia ajudar. De qualquer maneira ventava na Randolph Street e eu olhava os transeuntes e seus cães e suas possíveis existências truncadas. Simplesmente olhava-os, e esse olhar era o motor de cada passo. Faltava-me um objetivo seguro para o périplo por aquelas calçadas limpas. Aqui ou ali eu me adiantava meio à cata de uma clara finalidade. Estava a ponto de dizer que me faltava tudo se eu não tivesse bem mais do que o necessário, apesar de não saber de onde provinha tanto e nem para que serviria todo aquele manancial em branco. Eu tinha uma consciência nebulosa de que dali por diante seria, sim, como se nada me faltasse, se bem que não me comovesse a história da plenitude vazia (NOLL, 2012, p. 09-10).

Nesse excerto, a personagem vaga pelas ruas e, enquanto se desloca, mergulhamos na sua subjetividade. O interior se apresenta confuso, incerto, como uma “manancial em branco”. A partir daí, temos uma incursão pela cidade e é como se essa subjetividade fosse uma página em branco, “plenitude vazia”, que precisa de contornos, de cor, de emoções, sendo necessário, para tanto, caminhar, como podemos verificar na última parte do excerto. Errância, escrita e identidade mesclam-se para constituir essa identidade em processo. Trata-se de um escritor em formação, é o primeiro romance que escreve, assim como a escrita, a sua identidade também está em transformação: um homem que passa da maturidade para a velhice. Esse é um dos momentos cruciais da identidade, de mudanças de consciência sobre as etapas da vida, já no entardecer da existência, cujo tom de epitáfio contagia toda a narrativa: “A vida inteira que podia ter sido e que não foi” (BANDEIRA, 1993, p. 128).

Conforme o relato vai sendo construído, acompanhamos o trajeto da personagem e o motivo que a leva até Chicago começa a ter contornos mais nítidos. O homem está nessa cidade à procura de um espaço, um hotel, onde viveu uma experiência amorosa no passado com um americano chamado Bill Stevens. O retorno tem como objetivo reconstituir a experiência amorosa, recuperar algo vivido e que se perdeu ao longo dos anos. Nesse ponto, duas questões se colocam como prerrogativas para compreendermos essa personagem de Noll. Inicialmente, não há indícios de que encontrar esse hotel seja um objetivo nítido, *a priori* planejado pela personagem. Uma subjetividade à deriva segue construindo, ao acaso, o seu itinerário. O segundo aspecto remete ao fato de que essa experiência amorosa mal vivida consiste em um ponto fulcral de sua existência, momento de escolha entre a relação homoafetiva com Bill e o casamento heterossexual com Elvira.

A iniciativa de voltar ao hotel para reviver uma experiência perdida que a personagem reavalia, configura-se como uma etapa da vida em que as escolhas feitas, no passado, começam a pesar. O homem às vésperas da velhice ressentido-se daquele epíteto questionador que fomentava o jovem príncipe dinamarquês, de Shakespeare. O hotel que a protagonista procura e encontra, agora mudado de nome, é o espaço concreto, acessado pela memória, para reacender uma emoção perdida.

Trata-se de um cronotopo, no sentido que postula Mikail Bakhtin (2002), confluência de tempo e espaço na narrativa que, no caso do romance de Noll, serve para atar as duas pontas da existência da personagem: aquilo que foi e que deixou de ser por conta de suas escolhas. Bill representa a falta, a escolha não feita e que parece ter sido a melhor, a promessa da felicidade que ele não teve porque optou pelo casamento heterossexual, negando assim o seu desejo homoerótico. O narrador, então, retorna a um espaço específico: espaço de experiências vividas, mal compreendidas, que precisam ser reativadas pela memória a fim de reconstituir sua identidade. Dessa forma, o deslocamento espacial reitera um deslocamento subjetivo: voltar ao hotel, viver novamente a experiência que teve com Bill e atribuir sentido a sua existência.

Duas são as marcas do texto de Noll, em *Solidão Continental*, a instabilidade espacial e subjetiva e a supressão das experiências. As personagens são seres incapazes de estabelecer

elos afetivos bem como são incapazes de vivenciar subjetivamente as experiências com outros. São, portanto, errantes, movidos por uma busca desesperadora pelo outro, porém, ao mesmo tempo, são anódinas, resistentes à intimidade e à aproximação. A supressão está relacionada ao corte, à rasura de algo que estava ali e foi suprimido. A identidade de João Bastos, nesse sentido, constitui-se pela falta, pela abstenção, pela carência: “Sempre me perguntava se as pessoas percebiam em mim um obcecado pelas coisas do sexo ou do amor ou das duas coisas juntas” (NOLL, 2012, p. 12). Em outro trecho, ele toma consciência dessa solidão que parece ser perene: “Eu estava a mercê do que quisessem fabricar em volta para satisfazer um pouco o meu tesão perpétuo” (NOLL, 2012, p. 13). A supressão é o vetor da incapacidade de fixar-se, de entregar-se, enfim, constituir-se enquanto sujeito pleno, autônomo, o que, para João Bastos, demandaria o enfrentamento de toda uma política social heteronormativa que alija para as margens todas as identidades que não se enquadram na norma preestabelecida.

A experiência vivida com Bill no passado é suprimida porque o protagonista decide voltar ao Brasil e escolhe viver um casamento heterossexual com Elvira, negando, assim, sua identidade gay. Segundo Eve Sedgwick (2007, p. 22), estar no armário, esconder-se, é uma defesa de muitos sujeitos gays contra a violência verbal e física, a que esses sujeitos são expostos, todos os dias, nessa sociedade heteronormativa, e essa condição afeta quase todas as pessoas gays: “Mesmo num nível individual, até entre as pessoas assumidamente gays há pouquíssimos que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômico ou, institucionalmente, importante para elas”. Para além dessa autodefesa, o armário consiste num violento e perverso dispositivo de poder que oprime as pessoas, as identidades, e atos gays ao solapar, por meio de limitações e silenciamentos diversos, as bases da própria existência (SEDGWICK, 2007).

Aos sujeitos gays resta a clandestinidade de seus afetos e desejos, já que, à margem da norma heterossexual, não podem expressar suas identidades de forma íntegra, precisando sempre se esconder, dissimular-se, recorrer ao armário para fugir da injúria e da violência que permeia a sociedade cristã, burguesa, machista e homofóbica. Essa condição marginal é responsável pelo agudo sentimento de solidão e de desamparo. A personagem de Noll vai

coadunar todos esses sentimentos e a instabilidade e a supressão serão as marcas de sua subjetividade.

Apesar do imaginário burguês não corresponder aos inúmeros desejos que marcam os seres humanos, ele é uma norma, um dispositivo de poder que afeta a subjetividade das pessoas. A personagem de *Solidão Continental* reitera essa realidade. Entre o amor de Bill e o casamento com Elvira, a personagem decide pela norma que, no entanto, é frustrada.

O meu casamento com Elvira se esfacelava a conta-gotas, eram telefonemas diários, ela vinha ao hotel onde eu me hospedara provisoriamente, pegava a minha mão e a colocava sobre o seio dela, enfiava-a pelo decote, pedia que eu pegasse o mamilo, o friccionasse um pouco, e eu o sentia como o pau de Bill, a mama se intumescia, não na mesma proporção, é claro, mas ela se avantajava um tanto a se corresponder com o meu afago bastante conduzido por Elvira, é verdade, ela abria a minha braguilha, aproximava seus lábios do meu pau e vinha - o certo é que esses momentos acabavam estropiando a minha resolução de mudança de país rumo ao coração de Bill (NOLL, 2012, p. 15-16).

Na contramão dos discursos utópicos modernos, nem futuro nem casamento constituem-se como pontos de partida para uma vida feliz. Se, nos contos de fadas modernos e em toda mitologia burguesa, a felicidade inicia com a conquista do amor e do casamento com a pessoa amada, prometendo um futuro feliz, o romance contemporâneo, em especial a narrativa de Noll, constrói um mundo desencantado, em que casamento e futuro se apresentam como ruínas, fracasso de um modo de vida que se diz bem sucedido e não é.

Georges Bataille (1987, p. 20), ao estudar o erotismo, discute que o desejo se manifesta na busca pelo outro e que é sempre algo do interior, provém da subjetividade, por isso, não desejamos quaisquer pessoas, pois está relacionado com algo especial que vem de dentro: “O erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Nisso nos enganamos porque ele procura constantemente fora um objeto de desejo. Mas este objeto responde à interioridade do desejo”. No romance, Elvira é, para o narrador-personagem, como a deusa Calipso para Ulisses: o narrador está acompanhado, casado de acordo com a heteronormatividade, mas esse outro não corresponde ao desejo-inquietação (FOUCAULT, 2010) ou ao desejo interior (BATAILLE, 1997) de João Bastos.

Em Noll, a vontade de encontrar o outro, a viagem para Chicago para encontrar Bill ou a viagem para algum lugar no interior com Frederico, fomenta a mobilidade espacial e a carência de elos afetivos. Retomando a discussão de Certeau (2014) sobre o desenraizamento espacial e retórico, o desencontro se dá por razões geográficas, pela distância entre Bill

(Chicago) e o narrador personagem (Porto Alegre): “Um caso mal resolvido, estancado por razões geográficas”. Para o autor:

Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar – uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), [...] um universo de locações frequentadas por um não lugar ou por lugares sonhados (CERTEAU, 2010, p. 170).

Além desse desenraizamento físico-geográfico, há ainda o desenraizamento retórico, pois quando volta ao Brasil, João encontra Elvira e a lógica heterossexual que ela representa. No entanto, esse casamento não condiz com o desejo-inquietação, com a identidade do sujeito gay. Ele escolheu o casamento mal sucedido com Elvira porque a sociedade, mesmo na cidade grande, marginaliza as formas de amor homoeróticas. Em certa altura do romance, o narrador explica que o seu isolamento em relação aos seus vizinhos consiste numa forma de proteção contra a injúria e a violência dessa sociedade heteronormativa.

Um dia me pegaram cheirando o cu de um colega no banheiro do colégio. Até hoje não entendi de onde vinha o gozo especialíssimo naquele contato com as vísceras humanas. Claro, fui duplamente estigmatizado: por gostar também de garoto e dos miasmas anais. O colega mudou de escola. Corri pelo recreio e bati a cabeça três vezes no muro. Vi que saí sangue da minha testa e pensei em tudo que pudesse me tirar daquela vergonha enquanto me aplaudiam por tirar sangue de mim. Escutei até um olé. De vergonha em vergonha eu ia viver a minha vida. Escondido na província, dando aulas de português para os gringos que trabalhavam em duas multinacionais da região. (NOLL, 2012, p. 57).

Negar o desejo é negar a identidade e pode ser interpretado, também, como uma estratégia mal sucedida de driblar a injúria e a violência: “Eu estava ali naquela tarde porque fizera por merecer através da minha abstenção sexual por aqueles anos todos” (NOLL, 2012, p.17). O sentimento de incompletude e de ausência que a personagem tenta preencher voltando ao hotel e encontrando novamente Bill não acontece, porque, já na velhice, o outro não exerce mais fascínio, o corpo decrepito do outro, deteriorado pela ação do tempo, parece anunciar que não tem mais tempo de recuperar a experiência, de refazer-se: “a sensação que me dominava ultimamente, de que a nata do melhor não estava mais por vir, porque o seu prazo de validade parecia ter vencido e só me restava mesmo era pôr-me em ação antes de azedar – em marcha pois, enfim” (NOLL, 2012, p. 13).

Na velhice, a decrepitude do corpo torna os desejos imediatos impossibilitados de serem saciados. Logo, o sentido da existência é minado e viver se torna um fardo

desesperador. A velhice é desesperadora porque solapa qualquer utopia, euforia em torno da ideia de futuro, é a presença iminente da morte e a certeza de que o fim chegou e ele não cumpriu as promessas de felicidade outrora anunciadas.

Considerações Finais

Em *Solidão Continental* não há uma ancoragem territorialista, que indique um sujeito brasileiro, gaúcho. As viagens reiteram a perda de referências que identificam a nação. Porto Alegre ou Chicago, todas as cidades, como define Eribon (2008), consistem numa só: um mundo de estranhos. Assim também são suas relações interpessoais, a personagem consome corpos, não dá tempo de construir intimidade ou relações mais complexas. São relações líquidas (BAUMAN, 2004) responsáveis pela condição de solidão crônica que caracteriza as relações humanas na contemporaneidade: “Não só eu, mas as pessoas em geral estavam morrendo de solidão. E pouco adiantava se formássemos um casal” (NOLL, 2012, p. 52). Essa ausência de localização é observada mesmo no título: “solidão”, substantivo que remete ao isolamento e à falência do sujeito de territorializar-se; e o adjetivo “continental” se refere à extrema extensão bem como a presença perene dessa solidão em todo e qualquer lugar, não importa onde esteja o sujeito. Nesse romance, ser gay é um traço significativo que impede o sujeito de territorializar-se.

É essa ausência de vínculos afetivos, culturais e sociais com o espaço, principalmente, com o espaço urbano, que tem dado o tom da literatura brasileira nas últimas décadas, mostrando que, ao contrário do designativo “carente de projetos”, essa ficção está atenta aos questionamentos do tempo presente. Por meio de personagens como o viajante, o andarilho, o migrante, o imigrante, o turista, entre outras, a ficção atual questiona os espaços, porque, geralmente, esses se apresentam como inóspitos, inseguros e inabitáveis.

O sujeito representado nessas narrativas não consegue pertencer aos lugares que transita, tampouco consegue estabelecer vínculos de intimidade com as pessoas que encontra nesses infundáveis deslocamentos. Em consequência disso, tornam-se solitários, cidadãos do mundo ou de lugar nenhum, sem fronteiras e sem raízes. A solidão parece ser uma situação recorrente e inevitável, seja pela efeméride das relações humanas nos grandes centros

urbanos, seja pela dificuldade de se encaixar em determinada retórica de sociabilidade erigida em cada lugar.

Referências

- ASSIS, M. Dom Casmurro. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: EDUNESP, 2002.
- BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BATAILLE, G. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskóv. In: _____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- ERIBON, D. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.
- HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Abril, 1978.
- KLEIN, M. *O sentimento de solidão*. Rio de Janeiro: Imago, 1971.
- MORICONI, I. Tentando captar o homem-ilha. *Revista Matraga*. v. 1, n. 2/3, mai./dez., Rio de Janeiro: UERJ, 1987.
- _____. A literatura ainda vale? Literatura e prosa ficcional brasileira: estados da arte – notas de trabalho. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 8., 2002. *Anais...* Belo Horizonte: ABRALIC: UFMG, 2002. Não paginado.
- NOLL, J. G. *Solidão Continental*. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- _____. *O cego e a dançarina*. Porto Alegre: L&PM, 1980.
- _____. *Harmada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. *Lorde*. São Paulo: Francis, 2004.
- PAZ, O. *O labirinto da solidão*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

- PELLEGRINI, T. *Gavetas vazias*. São Carlos: Mercado de Letras, 1996.
- ROCHA, R. C. Rastros e restos: a realidade possível em João Gilberto Noll. In: *Revista Itinerários*. Unesp: Araraquara, n. 32, p.45-59, jan./jun. 2011.
- ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SEDGWICK, E. K. *A epistemologia do armário*. Tradução Plínio Dentzien. In: *Cadernos Pagu*, n. 28, janeiro-junho de 2007, p. 19-54.
- SÜSSEKIND, F. Ficção 80: dobradiças e vitrines. In: _____. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2003. p.257-272.
- WATT, I. *Ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.